



**“Não fomos contrabandistas, trabalhámos no contrabando”
Práticas de resistência e estratégias de sobrevivência**

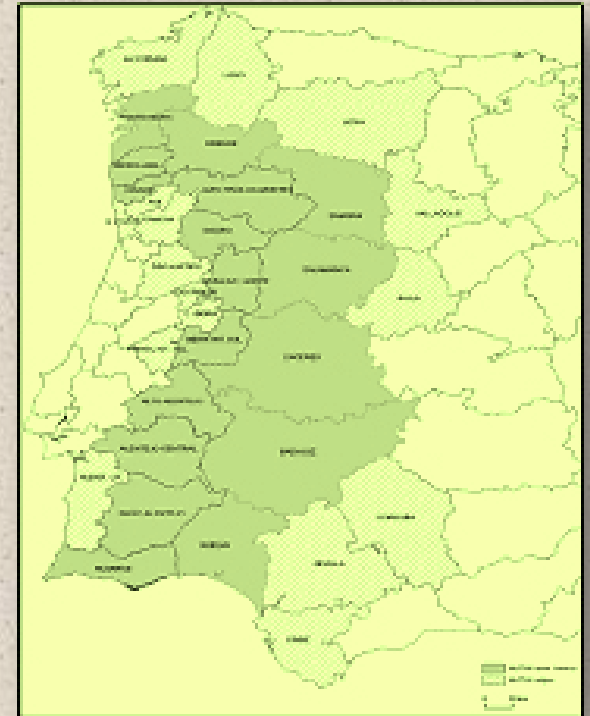
Festival do Contrabando
Alcoutim, 23 de Março de 2018

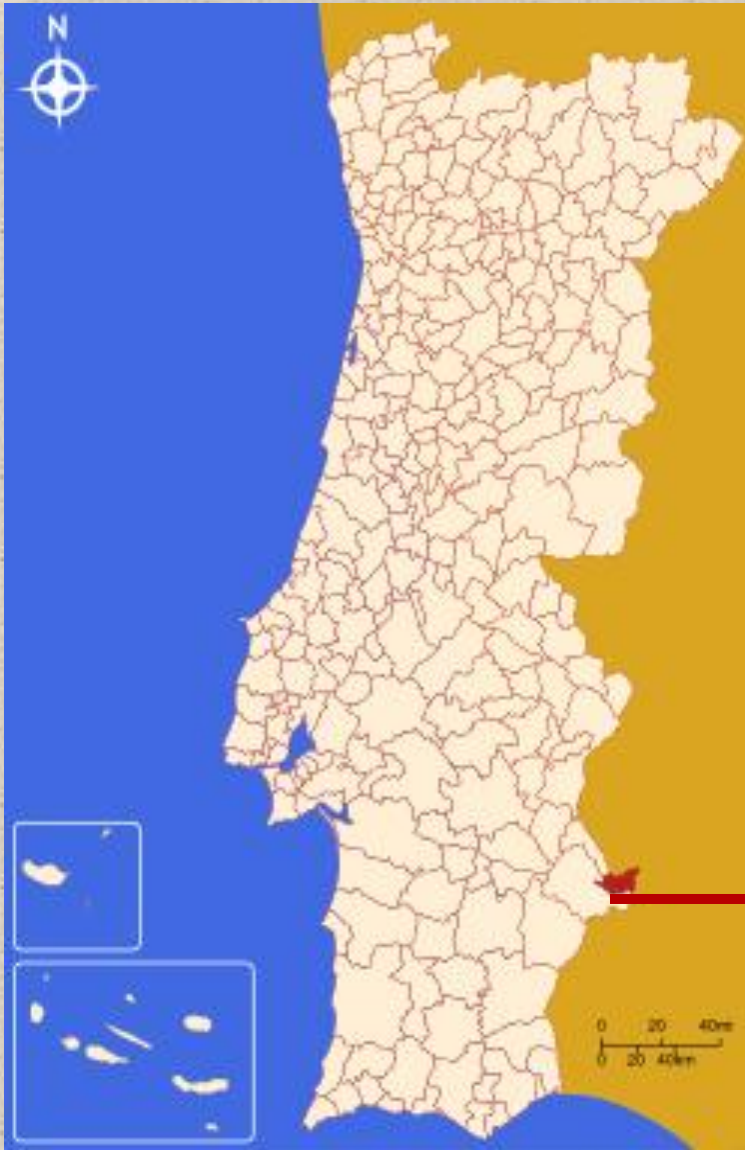
Dulce Simões



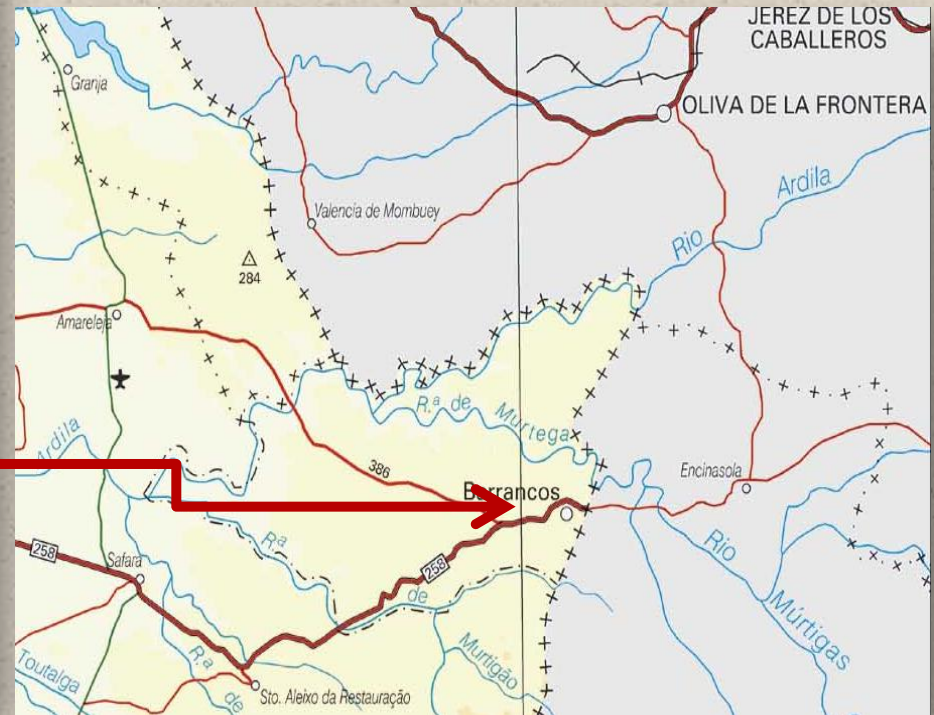
A fronteira no presente - espaço de cooperação transfronteiriça

“O espaço de cooperação transfronteiriça de Espanha e Portugal caracteriza-se por uma relativa debilidade demográfica, expressa territorialmente em baixas densidades de população, um maior grau de envelhecimento e baixos índices de acessibilidade por estrada e por caminho-de-ferro, que lhe conferem um claro carácter rural. [...] Em geral, a percentagem de população em risco de pobreza ou exclusão social na Raia luso-espanhola está cerca de dez pontos acima da média da UE. [...] na raia ibérica existe uma importante rede de património arqueológico, arquitetónico, cultural, paisagístico e ambiental de enorme importância e potencial como elementos de desenvolvimento [...]” (Resumo do Diagnóstico Socioeconómico da zona de Cooperação, 2013: 1).





O concelho de Barrancos, pertencente à sub-região do Baixo Alentejo, tem uma área de 168 km² e 1.921 habitantes (2011), é limitado a norte pela província de Badajoz (Extremadura), a leste pela província de Huelva (Andaluzia).



“A posse da terra é a pedra angular da estratificação social”

(Cutileiro, José. *Ricos e Pobres no Alentejo*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004)



Proprietários

Seareiros

Jornaleiros

“[...] Nestes territórios estamos no lugar onde a presença próxima da fronteira determinava que à agricultura se viesse juntar como forma de sobrevivência o comércio legal ou ilegal. [...] os alentejanos sem terra cultivaram a resistência para poderem sobreviver no meio de uma natureza hostil, aprenderam à sua custa a desconfiar de todas as ‘salvações’ que de fora lhe quiseram trazer, descobriram a dignidade de quem sabe viver sem o auxílio dos poderosos, treinaram-se a poupar esforços inúteis” (Mattoso, Daveau e Belo, *Portugal. O sabor da terra. Baixo Alentejo*, 1998).



Ribeira do Ardila, linha de demarcação da fronteira (Barrancos)

Relatório do Comandante Geral da Guarda Fiscal a Salazar (1933)

“(…) o tipo de contrabando praticado no Algarve não exige a direção do comando do batalhão porque a sua zona de expansão não ultrapassa a zona das secções, é local, é sentido e pressentido pelos elementos activos da fiscalização. Contrariamente ao tipo de contrabando realizado na fronteira do Alentejo, exercido por infinito número de indivíduos que à sua prática se dedicam operando isoladamente e, conhecedores seguros do terreno, infiltram-se com rara habilidade pelas malhas da fiscalização” (p. 73).

Relação de apreensões de 1928 a 1932

	Nº de Apreensões	Valor	Multas pagas
Alentejo	4.308	865.387\$91	673.259\$98
Algarve	586	469.589\$51	17.967\$93

Fonte: IANTT, Arquivo Salazar, Guarda Fiscal, AOS/CO/FI.25, (1929-1965).

Produtos / multas / detenções - Secção de Safara GF

20/12/1941	Sabão	631\$40	Grupo de St.ºAleixo
30/12/1941	Café e grão-de-bico	172\$00	Grupo de Barrancos
21/1/1942	Farinha de trigo	75\$00	Grupo de Sr.º Aleixo
25/1/1942	Farinha de trigo, tabaco e grão de bico	126\$00	Idem
25/1/1942	Farinha de trigo	46\$80	“
27/1/1942	Pão cozido, linguiça, laranjas	5\$30	“
29/1/1942	Farinha de trigo	80\$80	St.º Aleixo
21/2/1942	Farinha de trigo e 2 cabeças de gado asinino	68\$00	Idem

Fonte: Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, Gabinete do Ministério das Finanças, série 13 – Guarda Fiscal, subsérie: 13.2 – Apreensões de Mercadorias



Memórias dos guardas fiscais

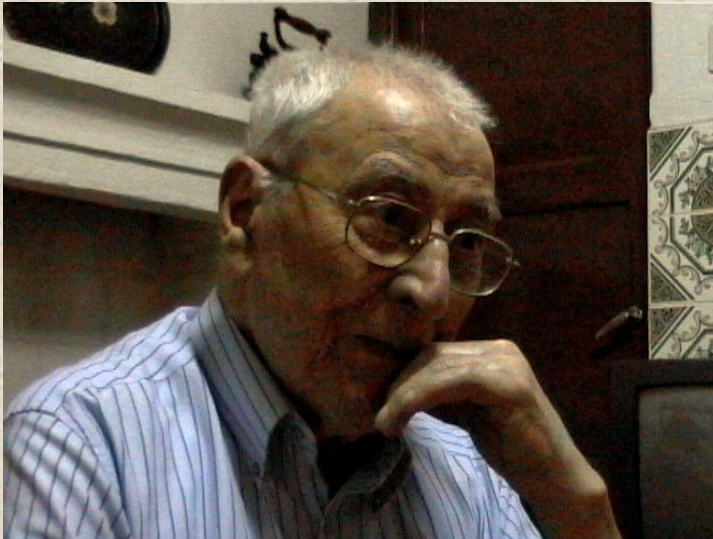
Olhe, eu chegava a saber para onde o meu pai mandava a ronda e ia avisar dois ou três que moravam na rua do Baldio. (...) O meu pai enamorou-se de uma espanhola, com isso do contrabando, e fez-lhe um filho. Ela era viúva, tinha três filhos e teve de deitar-se ao contrabando, mas uma mulher muito séria ... coisas do acaso, da falta, da miséria. (Maria Bárbara Rato)



Os que melhor se governaram foram os guardas fiscais. Isso aqui com o contrabando se fez de tudo. (...) Eles também nessa altura não ganhavam muito, talvez trezentos escudos por mês, com trezentos escudos por mês a fome andava ali próxima em algum que tivesse dois ou três filhos (Agostinho Carvalho).

Contrabando e relações de poder

Aqui chegou uma altura em que não havia nada, não havia trabalho nenhum, pronto! Não havia nada! Os trabalhadores do campo que tinham, eram aqueles que eram certos (...) Os outros não tinham, passavam meses e meses sem trabalhar (José Ângelo).



Eles não se importavam com o contrabando pois não tinham trabalho para empregar mais pessoas. E mesmo o senhor António Vasquez, safou muita gente da prisão. (...) Houve um tempo, em Barrancos, que quem não levava contrabando para a fronteira era o médico, e mesmo esse trocava pesetas (António Segão).

Estratificação social da prática do contrabando

O meu pai foi um homem que fez a vida toda ligado à fronteira, onde juntou tudo o que tinha e o que não tinha. Ele vendia, café para Espanha, o que é totalmente diferente do que fazer contrabando (Domingos Claudio).



Proprietários

Poder político

Comerciantes

Guardas fiscais

Seareiros

“por conta própria”

Jornaleiros

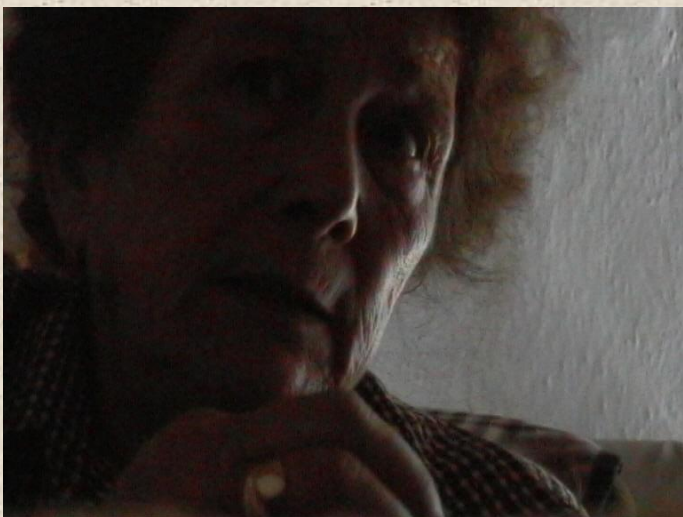
“contrabando de comer”



A gente sabe, que às gentes que mexiam nisso lhes chamavam contrabandistas, mas praticamente os contrabandista não éramos nós, aqueles que curvejávamos e trabalhávamos, o contrabandista era o comércio. Esses é que eram os próprios contrabandistas, e esses foram os que se lograram dessa vida, esses foram os que fizeram grandes fortunas (Domingos Caiadas).

Esses não chegaram a ser senhores mas fizeram uma fortuna colossal, trocavam presuntos por café. (...) A gente levava farinha, pão, arroz, massa e essas coisas, e eles traziam o que podiam arranjar para poder trocar, uns brincos de ouro, e a prata deles valia mais que o nosso ouro (Maria dos Remédios Ramos).





Aqui havia gente que fez muito dinheiro mas era com o suor dos outros. Esses que levavam ao ombro não, esses lhe davam um tanto. Isso era uma vida muito dura. (...) Meu pai nunca juntou para uma casa, mas os meus irmãos logo se tornaram emigrantes, casaram, e compraram aqui umas casinhas muito boas (Maria José Bergano).

O contrabando lhes deu uma vida muito boa, e também ao povo nosso, porque Barrancos estava morto e os comerciantes também. O bairro onde eu moro foi feito com o contrabando (Manuel Guerreiro).



Lugares de memória - o café Currito

No “espaço público” os trabalhadores rurais reuniam-se, conversando, cantando, bebendo, jogando e festejando o regresso a casa, após uma semana de jorna, ou da entrega de uma ou duas mochilas de café. No “espaço privado” organizavam-se as quadrilhas, acertavam-se as rotas do contrabando, distribuía-se os proventos da noite, como ritos de passagem de vidas incertas.



Representações do contrabando



Estudantina (dança carnavalesca), Barrancos, 1973

(...)

Trabalho não nos arranjam
Isto assim não pode ser
Nós temos que trabalhar
Para se queremos comer.

Rapazes tenham paciência
Temos de seguir andando
De noite por essas fragas
Na vida do contrabando.

Processos de patrimonialização da memória



Os Mochileiros em Oliva de la Frontera



Ruta Oliva de la Frontera/ Barrancos

“A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória sirva para a libertação, e não para a servidão dos homens” (Le Goff, 1989).